



Entrevista > Davi Kopenawa

Porta-voz dos yanomami, Davi Kopenawa se diz incansável na luta pelos direitos de seu povo. **Medo** é algo que desconhece e não poupa críticas à presidente Dilma, a quem acusa de só pensar em destruir o subsolo

'A Dilma não é amiga do índio, ela é inimiga'

Quando os yanomami estavam quase perdendo a guerra para os garimpeiros e políticos que lhe apoiavam, no final da década de 80, Davi Kopenawa, 58, foi às Nações Unidas. As tentativas de homologação da terra dos yanomami já se arrastavam há vários anos. Com apoio de lideranças indígenas que despontavam no cenário político do país – como Ailton Krenak e Alvaro Tukano – Davi foi a Nova York e deu o seguinte recado: “Aqui é ONU. ONU manda tudo. ONU não é só para olhar Paris, Japão, Londres. Mas para também olhar para a comunidade pequena. E também para olhar o povo yanomami”. A repercussão de sua intervenção na ONU transformou Davi em uma liderança reconhecida mundialmente. Porta-voz e mais conhecida liderança do povo yanomami, Davi diz que só viaja muito porque precisa defender seu povo. Ele salienta que sua “casa mesmo” é a aldeia Watoriki, na região do rio Demini, no Estado do Amazonas, divisa com Roraima. Davi também tem pendores para o xamanismo, inspirado nos ensinamentos de seu sogro, Lourival. No intervalo de uma das atividades da assembleia da Hutukara, sentado em um tronco de árvore na entrada da aldeia Watoriki, Davi conversou com a reportagem de A CRÍTICA. Leia trechos da entrevista:

Como você entrou na luta em defesa do povo yanomami?

Eu pensei: “Vou enfrentar o homem-golias”. O homem-golias é um homem grande. Um homem que não ama a terra, não ama o povo indígena, não ama a beleza da floresta. Ele quer derrubar tudo. Eu fui percebendo essa situação. Percebi a destruição dos rios, desmatamentos. Aqui não chegou, eu que andava, acompanhava com os outros povos indígenas.

Os problemas dos yanomami eram os garimpeiros então?



Davi Kopenawa: ‘Ela (Dilma) não conhece nossa floresta, a nossa terra, a realidade do povo yanomami. Só conhece o papel, a lei. Mas ela não está enxergando’

É, comecei a ver a entrada dos garimpeiros na terra yanomami. Vi que o homem branco não pensa no futuro, só pensa nele. Os invasores então começaram a entrar na terra yanomami. Pescadores, caçadores, fazendeiros, garimpeiros foram diretamente para a terra de Surucu. Eu fui no garimpo ver o que estavam fazendo. Encontrei cheio de buraco, tirando as areias, as pedras, jogavam fora, e os igarapés parados. E a poluição fica dentro da água. Mercúrio, óleo, gasolina, latas de lixo. Aí descobri tudo. Que o homem branco desfaz a mata, maltrata nosso País.

Depois de ver tudo, você se engajou na luta?

Em 1975 comecei a lutar. O índio ficava me olhando. Vendo que estou fazendo, vendo que estou reclamando. Se nós, yanomami, deixar invadir tudo vai morrer muito meu povo. Aí comecei a andar para reclamar em Brasília.

Que atividades de vocês realizavam?

A gente falava com autoridades. A Funai não entendia, ficava só prometendo. Dizendo que ia tirar garimpeiro, sempre repetindo dizendo como o branco invadiu nosso País. O branco não descobriu. Nós, povos indígenas, já protegemos muitos anos. Grandes invasores entraram. O governo José Sarney e o presidente da Funai, Romero Jucá empurraram 40 mil garimpeiros. Eu me encorajei. Vou lutar. Esse é direito meu. Eu ia para lá, voltava para cá. Difícil deslocamento. Eu não tenho próprio transporte, não tenho recurso. Pagavam para mim.

O que você viu quando o garimpo chegou na terra yanomami?

Garimpeiro desceu muito com avião, helicóptero, bebida. Começou a adoecer meus parentes. Malária, tuberculose, doenças venéreas. O homem branco é cheio de doença. Sangue dele

é contaminado. Os parentes morriam muito na cidade e na comunidade. Eu fiquei firme. Sem baixar a cabeça e acreditando na força da natureza.

Como você foi parar nas Nações Unidas?

O Ailton Krenak escreveu uma carta e enviou para os Estados Unidos, na ONU. A ONU soube que yanomami estava morrendo. Que precisava de apoio. Em pouco tempo, chegou notícia boa do Ailton. “A ONU recebeu a sua carta. Viu que você está lutando sozinho”. Depois, recebi o prêmio global da ONU. Esse prêmio abriu meu meu caminho.

Como o governo brasileiro reagia?

O governo brasileiro queria esconder, deixar a gente morrer sozinho, sem ninguém saber. Eu que levei a notícia do meu povo para outro mundo. Foi assim que espalhou o nome do yanomami. Fizaram uma grande campanha no mundo inteiro.

Na época, o governo brasileiro queria demarcar em lotes, não era?

Quando foi homologado, o Fernando Collor me chamou em Brasília. Quatro yanomami foram lá. Mas não aceitei que fosse em lote. Eles queriam 19 ilhas, tudo pequeno. E o meio? Vai ser a estrada, vai encher de fazendeiro, garimpeiro. Eles queriam maloquinha. Onde íamos caçar, procurar comida, colocar um roçado? Yanomami queria área única, contínua, grande.

O que vai acontecer com os yanomami caso a proposta de autorizar a mineração na terra indígena passe?

A entrada da mineração em terra yanomami vai derrubar milhares de árvores grandes e pequenas. Os igarapés vão sujar tudo. E muita gente vai entrar, muitos países vêm para cá. Todo mundo quer pegar ouro, diamante e outras pedras preciosas. Os problemas acontece-

perfil

Davi Kopenawa

IDADE: 58.

NOME: Davi Kopenawa.

ATIVIDADE: Liderança do povo indígena yanomami e xamã.

ALGUMAS PREMIAÇÕES: Global 500 Award das ONU (1988) e recebeu menção honrosa especial do Prêmio Bartolomé de Las Casas outorgada pelo governo espanhol (2008).

LOCAL DE NASCIMENTO: Nasci na aldeia cabeceira do rio Toototobi. A minha comunidade veio andando. Meu povo é nômade. Quando eu era pequeno, eles mudaram.”

LOCAL ONDE MORA: Moro na aldeia Watoriki há 20 anos. Aqui é minha casa. Eu juntei os índios. Fiquei aqui trabalhando com meu sogro Lourival.”

ram, vencemos, mas estão se repetindo.

Por que você acha que querem regulamentar a mineração?

Em 2012, os políticos, os governos, o mundo geral, estão lutando. O governo rico, com bastante dinheiro e força, está tentando mexer a terra yanomami. Eles estão unidos. Apoiam o governo Dilma. A Dilma não é amiga do índio. Ela é inimiga. Ela não conhece a nossa floresta, a nossa terra. Ela não conhece a realidade do povo yanomami, a beleza da floresta. Ela só conhece o papel, a lei. O pensamento dela é só pra destruir o subsolo.

E ainda tem o problema do garimpo ilegal.

Eu não estou conseguindo tirar os que já estão aqui. Nem a Funai. A Polícia Federal só se mexe quando índio está derramando sangue, recebendo tiro. Quando índio está vivo, ela não liga. Mas a nossa maior preocupação é com a mineração e com as empresas grandes.

Tuíra >>> Filha de Davi, só pensa em estudar

Sonho é de ser a voz feminina de seu povo

Aos 18 anos, Tuíra Yanomami, filha de Davi Kopenawa, cultiva o desejo de estudar, trabalhar e tornar-se, futuramente, a voz feminina do povo yanomami. Namoro e casamento vão demorar um pouco. Em uma comunidade onde as meninas casam cedo, Tuíra anunciou aos possíveis pretendentes que decidiu “esperar um pouco mais”.

“Também já conversei com meu pai e disse que ainda não pretendo casar. Quero estudar primeiro”, diz Tuíra, vesti-

da com os trajes tradicionais yanomami. Quando não está em sua aldeia, ela estuda o ensino médio em uma escola pública de Boa Vista, capital de Roraima. Sua anfitriã é uma funcionária da Hutukara Associação Yanomami (HAY). “Quero aprender a falar português melhor e depois, quem sabe, continuar estudando. Mas faço isso para ajudar meu povo. Quando terminar, quero voltar para a minha aldeia”, comentou.

Outro filho de Davi Yanoma-

mi é Dário Vitório Kopenawa, que também já começa a se revelar uma liderança de destaque em sua aldeia e entre seus parentes. Dário foi o responsável pela organização da assembleia realizada em Watoriki. Era ele quem intercalava as intervenções dos participantes, que fazia as apresentações dos visitantes e as traduções do yanomami para o português e vice-versa. Dário mora atualmente em Boa Vista, onde também está estudando. Ele também integra a direção da HAY.



Com traje tradicional, Tuíra Yanomami diz que já disse ao seu pai, Davi: ‘Não pretendo casar. Quero estudar primeiro’